



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Nova legislatura na Câmara: homens, brancos, patrimônio alto e acima de 41 anos

Pablo Valadares/Câmara dos Deputados



A maioria dos deputados que assume o mandato hoje tem mais de 41 anos (73%), é branca (72%), possui nível superior completo (83%), é do sexo masculino (82%) e possui patrimônio declarado acima de R\$ 500 mil (70%). Entre as principais profissões, estão advogados e empresários.

Ed Alves/CB/D.A.Press



Prudente é o mais jovem do DF

Na bancada do Distrito Federal, o mais jovem é o deputado Rafael Prudente (MDB), que completa 40 anos apenas em novembro. Fred Linhares (Republicanos) tem 43 anos e Júlio César Ribeiro (Republicanos), 47. Reginaldo Veras (PV) faz 50 amanhã. Gilvan Máximo (Republicanos) tem 53. O mais velho é o deputado Alberto Fraga (PL), com 66 anos, um a mais que Érika Kokay (PT). Bia Kicis (PL) tem 61 anos.

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Menos mulheres

Dos oito deputados do DF que tomam posse hoje, há apenas duas mulheres: Bia Kicis e Érika Kokay. Na legislatura que acabou ontem, eram cinco.

Divulgação



O perfil da bancada

Na bancada do DF, segundo declarações à Justiça Eleitoral, metade tem patrimônio acima de R\$ 500 mil. São eles: Bia Kicis, Rafael Prudente, Reginaldo Veras e Alberto Fraga. Sete têm nível superior completo e Gilvan Máximo, fundamental completo. Bia, Prudente, Júlio César e Reginaldo Veras registraram que a ocupação é o mandato como deputados. Fred Linhares é jornalista e redator, Érika Kokay é bancária e economista, Fraga é militar reformado e Gilvan, empresário.

Nenhum negro no DF

O Distrito Federal não tem nenhum deputado federal negro. Entre os 513, apenas 27 foram eleitos. Na bancada do DF, há cinco deputados brancos e três pardos.

Bruno Spada/Câmara dos Deputados



Muro restaurado

Na posse, hoje, os deputados poderão admirar o muro escultórico de Athos Bulcão no Salão Verde da Câmara dos Deputados, alvo de ataques em 8 de janeiro pela manifestação golpista. O valioso painel, em madeira, que fica ao lado da entrada do plenário, foi restaurado. A peça foi projetada especialmente para o mobiliário arquitetônico do Legislativo, a pedido de Oscar Niemeyer, nos anos 70. O painel foi amassado e sofreu danos em razão do alagamento do salão, provocado pelo acionamento dos sprinklers.

Dayse Amarílio/Divulgação



Elogio do vice

Durante a realização do ato de filiação dos senadores Flávio Arns, Chico Rodrigues e Jorge Kajuru na sede do PSB Nacional, o vice-presidente Geraldo Alckmin foi todo simpatia com a deputada distrital Dayse Amarílio. Em tom de brincadeira, Alckmin disse que, no DF, há uma lei especial que permite que menores de idade sejam deputados, fazendo referência à aparência jovem da parlamentar que tem 45 anos.

Mudança de documentos

A Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejus) promoveu, na Rodoviária do Plano Piloto, um mutirão de retificação de documentos de identidade para pessoas não binárias. A ação ocorreu em parceria com a Defensoria Pública do DF.

Força total

No primeiro dia sem intervenção na segurança pública do DF, a posse dos deputados e senadores eleitos em outubro e a volta dos trabalhos do Judiciário movimentam a cidade. Força total para impedir atos golpistas.

"Daria um tiro na cara do Lula com essa 12?"

Enquete postada pelo jogador de vôlei Wallace de Souza, medalhista de bronze do Mundial do ano passado, que depois se retratou

"Infelizmente, a postagem do Wallace não representa a essência do esporte, que desde o princípio ensina a importância de respeitar nossos adversários"

Senadora Leila Barros (PDT-DF), pelo Twitter



COB



Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

APOIO / Segundo a Secretaria de Saúde, em 2022, os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) tiveram alta na procura dos serviços no DF. Especialistas destacam reflexos socioeconômicos, principalmente após o período de pandemia

Mais atenção à saúde mental

» PEDRO MARRA

Impacto da pandemia da covid-19, isolamento social, abandono de atendimento psicológico e restrições de contato direto. Especialistas argumentam que esses são os principais fatores para o aumento, nos últimos dois anos, dos atendimentos a serviços de saúde a pessoas com transtorno mental ou sofrimento psíquico no Distrito Federal. Segundo a Secretaria de Saúde (SES) divulgou ontem, os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) tiveram alta de 2021 para 2022 na prestação dos serviços para o tratamento de sofrimentos mentais graves e persistentes, decorrentes ou não do abuso de álcool e drogas, com foco nos processos de reinserção e reabilitação psicossocial. O número subiu 1,3% — de 176,6 mil para quase 179 mil de um período para o outro.

Com sintomas de ansiedade há cinco meses, o pequeno Daniel Gomes, de 2 anos, filho da servente de serviços gerais Ildenes Maria Pereira, 46, não dorme com facilidade e tem tido comportamento hiperativo. Após ser examinado por um pediatra, o menino foi encaminhado ao Centro de Atenção Psicossocial Infantil Taguatinga (Capsi), onde fez a primeira consulta com

Pedro Marra/CB/D.A.Press



Ildenes Pereira levou o filho Daniel, 2 anos, ao Caps de Taguatinga

terapeuta ontem à tarde. "Direcionaram à pessoa certa, não teve espera e meu filho foi atendido. O acompanhamento vai ser bom. Ele quebrava tudo, se bate, o que a pediatra não achou normal", relembra Ildenes.

O apoio inicial também foi importante para a estudante do 2º ano do ensino médio Sabrina Caitano, 17, com sintomas de ansiedade há dois anos. Pai da jovem, o vigilante Leandro Nascimento, 43, afirma que a filha melhorou e se acalmou, mas após iniciar o acompanhamento psicossocial no Capsi de Taguatinga, onde faz consultas mensais para avaliar a redução

dos ansiolíticos da adolescência. "Tanto que no quarto acompanhamento com psicóloga, ela deu alta e a medicação está diminuindo. Ela começou a interagir mais com a gente e participa mais das atividades de rotina e brinca também", relata.

Sabrina confessa que melhorou bastante. Ela tinha vergonha de tudo, como falar em público, por exemplo. Nas conversas na sala de casa, em Ceilândia Norte, a jovem lembra o suporte familiar que recebeu. "O que me ajudou muito foi o apoio dos meus pais desde o início. Nas primeiras vezes que tive ataques de pânico, minha mãe falou

Pedro Marra/CB/D.A.Press



Os serviços psicossociais estão disponíveis para toda a população

para o meu pai me levar ao psicólogo. Isso me ajudou bastante", emociona-se.

Questão social

Além do afago dos pais ou responsáveis no momento difícil, a professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB) Larissa Polejack Brambatti destaca que o Caps é um serviço criado para abandonar o modelo manicomial. "Se a gente for pensar em quais fatores afetam as pessoas, não dá para descolar a questão da saúde mental das condições socioeconômicas.

Entende-se que a saúde mental também está associada aos determinantes sociais, condições de trabalho e de vida", analisa.

Larissa aponta que outra questão que vai influenciar nos atendimentos é a pandemia da covid-19, que causou mais de 600 mil mortos e isolamento social com problemáticas familiares e de comportamento. "Tivemos impacto na população em geral. Vários estudos mostraram agravamento da saúde mental, além do medo da contaminação, da própria covid-19, sequelas da doença. Além disso, tivemos o luto, que é um problema de saúde pública", complementa a docente.

Para a professora e coordenadora do Centro de Referência sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas da UnB, campus de Ceilândia, Andrea Gallassi, a crise sanitária afetou fortemente os jovens devido também à falta de interação pessoal entre amigos e colegas de escola. "Esses adolescentes que estão em franco processo de desenvolvimento tiveram uma parte bastante significativa da sua vida aprisionados em casa por conta do distanciamento social, e isso trouxe consequências ruins para a saúde mental, por conta das restrições das relações sociais, que é uma das características mais presentes na adolescência", contextualiza.

Além de pessoas que adquiriram problemas psicológicos, a especialista cita que a pandemia foi um fator principal que gerou problemas para pessoas com transtorno mental ou dependência de álcool ou drogas. Dessa forma, não conseguiram continuar o atendimento nos Caps devido aos serviços que estavam com impeditivos no atendimento. "As pessoas que tinham problemas e não tiveram tratamento continuado porque os serviços estavam com restrição no atendimento, ficaram desassistidas e em um sofrimento grande", avalia a docente Andrea Gallassi.